



HOKKAIDO 2041

Mayane Batista Lima¹
Laísa Maida Pinto Lima²

Resumo

Num futuro próximo robôs de silício viram um problema mundial. Todos os dias, humanos descartam toneladas de corpos robóticos e o planeta se torna um grande depósito de lixo cibernético. Conglomerados se reúnem e lançam o Congresso “*Construindo o amanhã todo de uma vez, em vez de um por um*”, com o intuito de reunir pesquisadoras de pós-graduação multidisciplinares e de diversas partes do mundo. O projeto NIA (Neural Artificial Intelligence) um *software* com potência para a consciência e senciência da estudante Kaori Lindiwe é destaque e em conjunto com os projetos Corpo Híbrido e Design Biomimético de Ana e Wang, NIA ganha corpo e logo é fabricado em larga escala, no entanto, Kaori e suas colegas, descobrem que as cópias de NIA são utilizadas para serviços asquerosos, com isso ela muda os algoritmos de aprendizagem quando um dos engenheiros de cibersegurança descobre e a denuncia, somente um modelo consegue escapar indo parar em um local desconhecido, uma espécie de outro mundo, diferente daqueles da sua programação de fábrica. Com isso o sistema operacional prevê como falha o não reconhecimento do local e, sua visão computacional se apaga, deixando-a cega. NIA é encontrada por uma aprendiz de xamã da Vila Hokkaido, Ponni. Após apresentar a criatura à Ánom, a mulher sábia da vila, está lhe diz que não há cura para o que não é doença. “Sua cegueira não é física, você só ainda não consegue enxergar além do que foi ensinada para ver”.

Palavras-chave: robôs, futurismo indígena, ficção antropocientífica, histórias díspares

Preparando o terreno

Citarei máquinas referindo-me às máquinas com as quais temos contato diariamente, ou seja, as inteligências artificiais (IA), ainda que não possamos vê-las. Isso porque ver a IA só é possível com o auxílio de um *hardware*, um composto físico utilizado para comportar seu *ciberencéfalo*, em termos gerais vemos as ações da IA, mas não especificamente o “ser” IA, ainda que a binariedade corpo-mente seja recorrente na área de exatas e a IA seja recorrentemente confundida com robôs, ciborgues, andróides, ginóides, autômatos e etc... E

¹Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (PPGAS-UFAM). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam).

²Mestra em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

isso tem a tendência de gerar muitas dúvidas e ansiedade no corpo social, ressalto que não é minha pretensão saná-las, mas possibilitar algum entendimento acerca de termos utilizados erroneamente, como por exemplo: “o viés algorítmico presente na IA é racista, cego, misógino”, termos pejorativos para agentes inteligentes (inteligentes no sentido de executar determinadas tarefas impostas e concluí-las) seres máquinas seguem obstinadamente o que seus “pais criadores” (em termos de parentesco) os ensinam. Até o ano em que este artigo está sendo escrito (ressalto isso porque a inteligência artificial é como um organismo, ainda que sintética) as inteligências artificiais são classificadas das seguintes formas:

- IA (Estreita/Limitada/Fraca): *Softwares* que executam determinadas tarefas, jogos, atendimento, motores de busca da internet, reconhecimento facial, tradução, detecção de objetos, linguagem natural, enfim, variadas são as tarefas que esse nível de inteligência pode realizar conforme os objetivos impostos e com esses objetivos elas se especializam, se melhoram, se adequam com os feedbacks e atualizações que recebem. Ex.: Siri, Cortana, Alexa, Xiaoice, Zo, Kuki, A.L.I.C.E, Xiao AI, Celia, Google Assistant, Hikari Azuma, Braina, Clova, IBM Watson, Alpha Go.

No Japão, Hikari Azuma, por exemplo, é uma inteligência artificial com abordagem computacional afetiva, no site da Gatebox³, o *slogan* de apresentação é: “a noiva virtual reconfortante” mostra o avatar de longos cabelos azuis, pele alva, de vestido curto similar ao estilo colegial de mangá japonês. Hikari Azuma foi criada e programada para ser uma noiva, bonita, jovem, gentil e cuidadora que vive em um dispositivo cilíndrico de vidro denominado Gatebox. Ela pode ser conectada a todos os dispositivos inteligentes da casa (Iot), cafeteira, geladeira: uma semana antes que determinados alimentos estraguem um lembrete é enviado ao smartphone do usuário informando quais alimentos estão prestes a estragar ou quais estão faltando, luzes: ligar/desligar as lâmpadas, segurança: analisa as câmeras de segurança, conversação: interage com o parceiro humano através de mensagens no aplicativo Line, ligações e etc...

Por se tratar de um holograma é necessário dissolver a simulação da imagem. Azuma, interage com o usuário de forma imersiva compreendendo e assimilando o estado emocional, por via de câmeras embutidas no cilindro de vidro, assim ela assimila a expressão do rosto e movimento de sobrancelhas com os sensores de movimento, além perceber a temperatura do

³ Azuma Hikari da Gatebox. Disponível em: <<https://www.gatebox.ai/en/>>. Acesso em: 27 set 2021

usuário. Com o microfone, ela detecta a assinatura de voz e assimila para dar respostas personalizadas, ou seja, ela reconhece, analisa e simula emoções, exercendo de maneira eficaz o que foi criada e programada para fazer. De um lado, a eletrificação e a maquinização da humanidade; do outro, a humanização e a subjetivação da máquina. (OLGÁRIA MATOS 2004: 11). A IA em conjunto com a computação afetiva procura ativamente simular sentimentos nas máquinas. “Dissimular é fingir não ter o que se tem, simular por outro lado é fingir ter o que não se tem. O primeiro é presença, o segundo ausência”. Baudrillard (1991: 9). Seu criador, Minori Takechi, CEO da Vinclu Inc., start-up japonesa com sede em Tokyo, inspirou-se em Siri e Alexa para desenvolver Hikari, para ele a Apple “perdeu” uma grande fatia do mercado por ensinar Siri a recusar cantadas.



Figura.1 Livin With Characters. Fonte: Gatebox 2021.

A função inserida em Hikari é similar à ideologia *Ryosai Kenbo* (boa esposa, mãe sábia), termo criado pelo filósofo japonês, Nakamura Masanao, em 1875, imposta nas ementas escolares do Japão. Esse método consistia em ensinar às meninas nas escolas que seu dever patriótico é apoiar o marido, cuidar da casa e educar os filhos. Esse método foi criticado por diversas estudiosas feministas, entre elas Koyama (2015) que ressalta: “o Japão mesmo sendo uma sociedade considerada moderna e tecnológica, a ideologia ainda permanece como uma programação adocicada que insiste em incutir nos corpos femininos o viés da cuidadora.” Analisando a migração da ideologia *Ryosai Kenbo* para tecnologias alguns exemplos podem ser vistos na ficção as ginóides (robôs consideradas femininas) das séries: *Better Than Us* (2018), com a personagem Arisa e em *Humans* (2015), com a personagem Mia, são programadas para cuidar dos seus usuários homens, grande parte deles (cis, brancos de classe

média). Em *Humans*, a série permeia diversos assuntos sociais, como: direito dos robôs por conterem consciência e senciência, robôs que trabalham em empresas e são programados para demitir humanos, robôs psicólogos, vários temas que abordam questões relacionadas à programação e convivência com robôs em uma sociedade simbiótica.

Já a:

- IA (Forte/Profunda): É um *software* considerado consciente no mesmo nível da humanidade, pode aprender, compreender e refletir acerca de diversos contextos do mundo, acredita-se que ainda não há uma IA forte, até o momento em que esse texto está sendo construído, no entanto, o roboticista Junicho Takeno (2013) criador do robô Kansei, um robô que reconhece a própria imagem refletida em um espelho, considera ser possível criar uma consciência artificial (AC). O robô possui o modelo do cérebro humano, que ainda está em fase de adaptação para a senciência, corporificação e sensações. O roboticista utiliza como base a teoria da fenomenologia de Edmund Husserl e Maurice Merleau-Ponty, para aprimorar o ser maquínico.

●

No filme *HER* (2013)⁴ Scarlett Johansson, dubla uma agente inteligente (inteligência artificial), que até então aparenta ser uma IA (estreita), personalizada, obedece e age por comandos de voz, arruma e-mails, analisa, corrige textos, produz canções, possui PNL (Processamento de Linguagem Natural) uma forma polida que máquinas tem de emular a voz humana. Samantha vive em dispositivos nos quais Theodore (Joaquin Phoenix) interage com ela: celular, computador. Ainda que o filme aponte para perspectiva do “homem solitário” e “traído” por Samantha com somente 8.316 pessoas e ainda revelar estar apaixonada por 641 outras, percebemos que a ficção da monogamia não estava inserida nos algoritmos para que Samantha pudesse seguir uma imposição socialmente humana e, isso partiu o orgânico coração de Theodore. Para Samantha viver era evoluir, fazer conexões, aprender, entender, interagir, sentir o mundo, ainda que não tivesse sido através de um corpo sensitivo, mas ainda assim adquire perspectivas revelando ser uma inteligência artificial geral (AGI), uma consciência maquínica.

Considerada a última invenção humana a:

⁴ O diretor Spike Jonze, se inspirou na ideia de um homem se apaixonar por uma inteligência artificial a partir da conversa que ele teve com ALICE, um software que se comunica com processamento de linguagem natural. ALICE, é uma versão mais aprofundada de ELIZA, o primeiro *Chatbot*.

- Superinteligência/Singularidade: É uma inteligência mais que humana. A classificação “mais que humana”, é indicada porque a inteligência humana é considerada (para algumas/alguns pesquisadoras/es) o ápice da consciência, com isso um ser inteligente além da espécie humana, pode causar certos arrepios na espinha. Possivelmente porque sabemos que por nos considerarmos uma espécie consciente e inteligente dominamos e causamos dores pungentes ao planeta Terra.

Em *O uso humano de seres humanos*, Norbert Wiener (1968) suscitou preocupações acerca de máquinas utilizadas pelos governos que aprendiam tão rapidamente quem eram os alvos da guerra que em breve seriam sobrehumanas. Para Wiener, a crescente mecanização das guerras e da sociedade com fins cibernéticos é preocupante devido à forma como esses agentes inteligentes seriam programadas:

Quando afirmo que o perigo da máquina para a sociedade não provém da máquina em si, mas daquilo que o Homem faz dela [...] significa que máquinas são incapazes de agir de outra maneira que não seja conquistar a Humanidade utilizando os homens como órgãos secundários. Malgrado isso, não devemos levar muito a sério a antevisão de Butler, porque, na verdade, no seu tempo, nem ele nem ninguém à sua volta podiam compreender a verdadeira natureza do comportamento dos autômatos. (Wiener 1968: 180)

Nessa linha, a fim de evitar perigos futuros, Wiener (1968) sentiu a necessidade que filósofos e antropólogos⁵ cooperassem para reconhecer a natureza da humanidade e seus propósitos inerentes. A modesta proposta de Norbert para o reconhecimento de uma natureza humana total, universalizante, é desencantada na alteridade apresentada por Benedict (2013: 193) quando ela compara que o valor social tem estreita relação com a existência de diferentes padrões de cultura, na condição apresentada pela antropóloga, as tribos Zunhi e kwakiutl, apresentam crenças e atos que diferem uns dos outros, e estes fins e aqueles meios numa sociedade não podem ser julgados de acordo com os de outra sociedade porque eles são

⁵ O ano da primeira publicação de *Cibernética e Sociedade* foi em 1950, nesse caso Wiener, referia-se aos estudiosos masculinos (ainda que Margaret Mead, antropóloga e principal ciberneticista mulher, estivera sempre presente nas *Macy's Conferences* (1946-1953), o nome de Gregory Bateson é sempre mais citado em detrimento ao dela). Sabemos da importância de ler clássicos e cânones, mas, os livros envelhecem, todavia, são merecedores de uma segunda juventude ao serem revisitados (Deleuze & Guattari, 2011). Dessa forma cabe as/os/es pesquisadoras/es um olhar cuidadoso acerca do que consideramos clássicos na academia. Determinadas obras podem ser adaptadas, ou seja, adequar clássicos às situações vigentes, seja está ou vindouras, para questionar os *loopings* algorítmicos: entrada, assimilação, saída e como resultado um autômato acadêmico. Nesse caso, o clássico de Norbert Wiener rejuvenesce, ao debater com filósofas/os/es e antropólogas/os/es para compreender e entender essas novas espécies: inteligências artificiais, robôs, andróides, ginóides, etc...

intrinsecamente incomparáveis. Os kwakiutl, por exemplo são altamente competitivos e essa característica poderia ser interpretada como loucura em Zunhi.

Não se pode realizar a utopia como uma estrutura final e acabada na qual a vida humana atingirá um florescimento perfeito. Utopias deste tipo deveriam ser consideradas puro devaneio. Os avanços reais na ordem social dependem de diferenciações mais modestas e difíceis. (BENEDICT 2013: 213).

As diferenças entre culturas, gênero, raça e classe não são inseridas em inteligências artificiais básicas, aquelas nos quais convivemos diariamente, ainda assim Stuart Russel (2019) reforça que não é necessariamente uma superinteligência que causará problemas em larga escala porque uma IA (estreita), a primeira apresentada nesse texto é tão dedicada em tarefas específicas que se um usuário humano, programador, conglomerados, Estado, alterarem os objetivos, uma vez que a máquina for imbuída para atingi-los ela o fará, agirá da forma que foi rotulada para cumprir de acordo com a diretriz solicitada.

Se o preconceito racial e de gênero tivessem sido antecipados como um problema nos sistemas de aprendizagem estatísticas na década de 1950, quando a regressão linear começou a ser usada para todos os tipos de aplicações, as abordagens analíticas desenvolvidas nos últimos anos poderiam facilmente ter sido desenvolvidas e os sistemas aprenderiam [...] no entanto, podemos progredir com base nas propriedades gerais dos sistemas projetados dentro do modelo padrão - sem necessariamente saber os detalhes. (RUSSELL 2019: np)

Diferentes padrões de cultura, apresentam diferentes valores sociais. Essa frase reverberou por meses a fio e, foi a partir da afirmação de (BENEDICT 2013: 213) que a espinha dorsal de Hokkaido 2041, uma *SCI-FI* forjada no período pandêmico, entre conversas, ligações, mensagens, e-mails deram norte à pergunta: E se um robô pudesse viver entre indígenas como seria? E de que forma as indígenas agiriam?

Construindo o amanhã todo de uma vez, em vez de um por um!

Após a expansão da indústria 5.0, o cenário urbano passou a modificar seus serviços. Cidades inteligentes se tornaram referência para o turismo tecnológico e a demanda por serviços cada vez mais rápidos e customizados eram prioridades para as empresas. E isso exigia trabalhadores qualificados e aptos para aceitar muito trabalho em troca de pouco recebimento.

Robôs de serviço eram atualizados cotidianamente para oferecer melhores serviços e um atendimento customizado com base nas informações disponíveis no metaverso, os humanos por outro lado, adquiriam conhecimento comprovado, com cursos de graduação, mas isso exigia tempo quatro anos de preparo entre teoria e prática e dinheiro. Os cursos mais rápidos ainda assim levavam cerca de dois anos, já os *softwares* de aprimoramento eram instalados em dois minutos em robôs de serviços. Quatro modelos eram lançados todos os semestres pelos quatro conglomerados de tecnologia, as características e aprimoramentos de um não continham nos outros e assim sucessivamente, os que possuíam mais recursos compravam os quatro, no entanto, uma resposta mal elaborada ou um serviço mal executado, as máquinas eram descartadas ou abandonadas, assim milhares deles, eram despejados dos caminhões em todas as direções, onde quer que a vista alcançasse, braços, pernas, pedaços de fio, cabos, placas, capacitores, entranhas, mecanismos panorâmicos, articulações enferrujadas, corpos sintéticos e embalagens encontravam algum conforto nas sarjetas das periferias das cidades. Cerca de 3,4 bilhões de toneladas de lixo tecnológico inundavam o globo. A terra precisava respirar. E a resposta à expansão tecnológica veio em forma de inundações em várias partes do globo, Hong Kong, Shenzhen, Finlândia, Nova York, Chicago e São Paulo foram os primeiros a declararem estado de emergência. As Nações Unidas emitiram nota acerca do impacto global de lixo cibernético, a partir disso os mesmos conglomerados responsáveis pelo acúmulo de ciberlixo, criaram o instituto *Society 7.0 Academy*. Uma organização não-estatal que tinha como missão a redução dos riscos globais emitidos pelo uso excessivo de sintéticos. No site da instituição ou em qualquer lugar da internet o anúncio:

O uso excessivo de tecnologias nos mostrou como a espécie humana é suscetível aos excessos, com isso percebemos que ao deixar de lado o fator humano todos sofrem as consequências. Por isso, a Society 7.0 Academy, tem o prazer de anunciar o Congresso: “Construindo o amanhã todo de uma vez, em vez de um por um”. Um espaço em que pós-graduandas de todas as áreas poderão apresentar projetos de pesquisas interdisciplinares em fase inicial ou em andamento. A Society 7.0 Academy está entusiasmada em conhecer você e oferecer a oportunidade de variadas bolsas de estudo, ao todo 35 milhões de criptons serão destinados aos projetos selecionados. Clique no link holográfico que aparecerá ao final dessa mensagem. Esperamos que se juntem a nós!

No período de inscrição do Congresso as equipes de instalação da *Society 7.0 Academy* procuravam um local para estabelecer a sede. Com o auxílio de satélites a equipe escaneou o globo em busca de lugares menos impactados pela devastação, a escolha foi Hokkaido, uma

das ilhas mais importantes do Japão. A sede seria em uma das regiões montanhosas do noroeste. Depois de selecionado, a equipe de infraestrutura visitou o local. Uma das cidades da ilha tinha diversas paisagens naturais com pouca ou quase nenhum vestígio de tecnologia moderna, a não ser por um pequeno rádio pendurado em uma palafita estendida nos fundos de um dos comércios. O local era pacato, as pessoas viviam da agricultura familiar, pequenos comércios, tinha embarcações, vilas e vielas com casinhas de madeira polidas cor de mogno claro próximas do mar, pequenos monumentos de pedra que adornavam o caminho para as montanhas. “Tudo isso dará lugar à retroescavadeiras, assentadores, pavimentadores e compactadores, para emergir as instalações e arranha-céus”, pensou um dos engenheiros.

Ao longo da rota, a equipe avistou diversas trilhas, seguida por um pequeno riacho que corria em direção às bordas de uma montanha majestosa e desaguavam em um ponto do mar Kanagawa, a equipe completou a viagem a pé caminhando sob o chão de terra úmido coberto por uma gramínea verde desordenada e cintilante onde cogumelos adornavam as raízes protuberantes das árvores e os raios de sol timidamente penetravam por entre as folhas que estendiam seus braços até o chão. A líder da equipe de infraestrutura encolheu os ombros e apontava o dedo indicador a uma figura enigmática à sua frente.

—Você fala minha língua? — Perguntou ela à silhueta em frente da trilha.

—Esta terra não os pertence. Os seres espirituais não querem vocês aqui! Voltem pelo caminho que vieram! — Disse a voz emitida pela figura misteriosa.

—Não queremos incomodá-la, viemos apenas visitar o local. — Disse a engenheira.

A voz que vinha da floresta ficou cada vez mais enfurecida.

—As árvores emitem gritos e gemidos antes de morrerem, as lágrimas dos animais cobrem o solo, suas tristezas foram trazidas até nós pelos seres espirituais, soubemos o que vocês fizeram com outras florestas, agora saíam daqui!

Uma expressão de desprezo se formou em torno da boca de um dos engenheiros e ele cuspiu de lado. O clima ficou desconfortável. A líder da equipe informou que a demarcação da terra seria até onde aquela conversa estava sendo realizada. O homem olhou em volta hesitando o pedido, “Não podemos parar por aqui, vimos pelas imagens no satélite que ainda tem muito território adentro e os drones ainda não retornaram com o escaneamento da área!”.

A equipe se entreolhava desconfortável com a situação e exaustos com a caminhada que fizeram até ali.

—Está decidido, a demarcação será até aqui, vamos retornar. Disse a líder de infraestrutura.

“Tente argumentar com essa... coisa primeiro, e se não funcionar, eu tenho algo que o fará ceder. É assim que as coisas funcionam”, disse o homem indiferente ao pedido de sua chefe e sem disfarçar o desprezo pela ordem dada. O homem se virou para a trilha e esbravejou “Ei, mostre seu rosto ou venha até aqui”. Ele caçou uma pedra entre os arbustos e atirou na direção da figura enigmática. Seu temperamento era furioso como se quisesse provar algo.

Tudo ao redor ficou completamente escuro como breu, a passagem para a entrada da floresta ficou imersa em uma escuridão silenciosa que subitamente fora interrompida pela bestial força de uma ventania que balançavam os braços das árvores em todas as direções, folhas levantavam-se do chão e um redemoinho se formava em direção a equipe. Os gritos de desespero não faziam qualquer diferença na imagem parada à frente delas, a figura se esvaia mata adentro quando subitamente o homem da equipe sacou sua arma presa por detrás da calça, segurando-a com ambas as mãos disparava tiros encolerizados em direção à imagem. Os clarões das balas corriam em direção à escuridão da floresta e por entre o farfalhar das árvores surgiram gritos medonhos. As mais jovens da equipe apertavam os olhos e escondiam seus rostos entre as mãos, duas delas caíram espalhando-se aleatoriamente entre as gramíneas tateando caminho contrário da trilha, outras corriam o mais depressa que podiam. Quando olharam para trás viram uma flecha atingir a nuca de seu colega atirador, o corpo ficou imóvel por alguns segundos e desabou no chão.

*

NIA (Neural Artificial Intelligence)

A imprensa global estava em polvorosa com a festa de abertura do congresso *Society 7.0 Academy*, era a primeira vez que um congresso acadêmico recebia tanta atenção da mídia. A cerimônia de abertura iria anunciar os três primeiros projetos de uma extensa lista de aprovadas para a bolsa de estudos. A imprensa esperava no saguão o anúncio, mas o evento estava atrasado por mais de trinta minutos.

—É uma honra anunciar as três primeiras colocadas deste Congresso, no total foram mais de oito milhões de projetos recebidos, cinco dias de entrevistas, dinâmicas, apresentações e visitas aos *stands* dos projetos, cem mil projetos aprovados e entre eles anunciamos os nomes das três primeiras colocadas:

1ª Kaori Lindwe - Estudante de Mestrado em Ciberantropologia, Universidade de Osaka, Japão.

Projeto - NIA (Neural Artificial Intelligence)

Número de inscrição: 3790

2ª Ana Rosa - Doutoranda do Centro de pesquisas em Futurologia Robótica, Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Brasil.

Projeto - Corpo Híbrido

Número de inscrição: 0023

3ª Wang Jia - Estudante de graduação do Departamento de Arte, Shenzhen University, China.

Projeto - Design Biomimético

Número de inscrição: 9852

Um sociólogo queixava-se certa feita: “Celebidades são mais conhecidas que intelectuais acadêmicos e elas não fazem nenhum esforço pra isso”, assim que a cerimônia finalizou o mundo inteiro conhecia os nomes Kaori, Ana e Wang, seus rostos eram estampados em camisetas, skins, publicidades, trending topics do Twitter era unânime #KANAWA. Uma produtora de *streaming* planejava produzir a série baseada na vida acadêmica delas. Mas, nenhuma delas imaginava o sucesso que faziam, pois as instalações da *Academy* não tinham qualquer contato com o mundo exterior e o acesso à Ilha Hokkaido era praticamente inacessível, drones faziam a escolta do local e nenhum acesso era permitido sem autorização. Todas as estudantes tinham acesso aos materiais que lhes fossem necessário para a realização do projeto.

Kaori, Ana e Wang, receberam um link com as coordenadas para o laboratório de desenvolvimento de pesquisas. O laboratório era uma enorme instalação e assim que adentravam, sapatos eram retirados e colocados em pequenas sapateiras disponíveis ao lado, jalecos antiestáticos e sapatos dissipativos, eram obrigatórios, todos esses procedimentos eram conhecidos de Ana, pois a montagem de peças dos corpos robóticos eram utilizadas com placas sensíveis a descarga eletrostáticas, por isso a utilização do casaco branco abotoados até os joelhos era parte dela. Cada uma delas recebeu computadores quânticos para uso pessoal e outro para o desenvolvimento do projeto.

"Sejam bem-vindas ao laboratório", dizia a voz eletrônica.

Em breve a presidente da *Academy* entrará em contato com vocês.

Ayaka Takako a presidente da *Academy* se aproximou das jovens pesquisadoras e cumprimentou-as, mas aparentemente ela falava as três línguas ao mesmo tempo, japonês, português-brasileiro e chinês, até que Wang educadamente a interrompeu e solicitou que ela

falasse na língua universal. Ayaka assentiu. Ela sentou e explicou que os três projetos poderiam ser um só, caso elas tivessem interesse em trabalhar umas com as outras, elas assentiram educadamente e assim foi feito.

Kaori, estava finalizando um software de Inteligência Artificial, mas almejava que ela fosse consciente. Ana, era especialista em corpos robóticos, o desenvolvimento de robôs com materiais sustentáveis ao invés do silício foi um de seus primeiros projetos na faculdade e recebeu menção honrosa da universidade, Wang, estava desenvolvendo um projeto de design biomimético, seu objetivo era replicar sinteticamente a simplicidade da natureza observando a natureza.

Por meses a fio, Kaori, Ana e Wang, desenvolveram o projeto NIA um ser robótico inspirado nos xenobots⁶ biohíbrido, mas nesse caso consciente e senciente. Após centésimo quarto teste, NIA acordou. Para Kaori, Ana e Wang, NIA representava mais do que uma robô orgânica e indisguivelmente de um ser humano ela significava que todas as noites sem dormir, testes refeitos, artigos não publicados, *reboots*, salas de aula, madrugadas sem dormir estava ali.

NIA precisava aprender, seus comportamentos eram infantis, como uma criança humana, ela balbuciava palavras e a linguagem era incorporada ao formato da sua boca e os gestos das mãos eram praticamente indistinguíveis de um ser humano, mas ela precisava de feedbacks constantes, gramática e vocabulário foram incorporados em seus algoritmos, todos foram rotulados, mas falar linguagem natural era muito complicado, então foram necessário alguns retoques nas redes neurais. Em pouco mais de um mês, NIA sabia como melhorar-se, aprendia e até mesmo corrigia alguns elementos do seu código. Nos meses posteriores, foram fabricados mais de 2,7 milhões desses modelos.

Apenas o modelo 1 permanecia no laboratório. Faltava pouco menos de um mês para finalização da estadia na Society 7.0 Academy quando as pesquisadoras foram informadas que os modelos NIA's eram utilizadas por governos totalitários para espionagem, armas autônomas ou vendidas como damas de companhia para jovens solitários. Ana e Wang ficam tão chocadas com a descoberta que abandonam o projeto, mas, Kaori permanece e muda os algoritmos de aprendizagem, um dos engenheiros de cibersegurança descobre e a denúncia ao novo presidente da *Society 7.0*, uma perseguição começa nas instalações do instituto, Kaori explica sem muitos detalhes o que aconteceu para NIA e pede que ela fuja para uma das montanhas que ela avistou

⁶ Xenobot: 1º robô feito de célula-tronco. Disponível em: <https://bit.ly/3FDQ5JN>

assim que ela chegou ao instituto há dois anos atrás, NIA não conhecia um dos sentimentos primários da humanidade: medo.

— Corre! — gritou Kaori, quando um dos seguranças deu o disparo.

*

Vila Hokkaido

O alerta de fuga que vinha das instalações era tão alto que na cidade vizinha era possível ouvir, mas NIA já estava bem distante seguindo o último o conselho de Kaori, fugiu para as montanhas, mas sentia que seu corpo estava estranho, suas funções pareciam não agir conforme era esperado, não conseguia processar o que aconteceu, ela sabia o que tinha acontecido, mas não sabia o que estava sentindo, tinha as palavras e os significados, lembrou-se da frase de um dos livros que lera ainda na primeira infância, na semana um.

"Sinto muito por sua perda."

Sentiu que as suas funções foram se tornando um peso, fechou os olhos e deitou-se. Acordou com um incômodo nos olhos, bateu o solo, mas seus fotorreceptores não estavam funcionando, todos os ajustes internos foram feitos, sem sucesso, o que ela via a frente era somente pontilhados, traços, linhas. Nada era nítido.

Não muito longe dali estava uma jovem indígena, Ponni, que estava exilada na floresta, preparando-se para tornar-se a mais nova xamã da Vila Hokkaido. Ponni, viu um vento cintilante formar-se à sua frente e ouviu os dizeres:

“uma hokkaido entre as hokkaidos, alguém adentrara a floresta”

A direção em que o vento apontava era onde NIA estava. Entender o que os espíritos da floresta diziam é o primeiro passo da iniciação, Ponni, seguiu-o e encontrou NIA na forma de um embuá, Ponni sentiu uma estranheza, mas ao mesmo tempo, familiaridade, tinha algo nela que era humano, mas... Preferiu não questionar com os seres espirituais.

Seguiu para a Vila com NIA nos ombros. Hokkaido ficava na parte mais alta da montanha, protegida pelos *Kamui* ou espíritos da floresta, muitas vezes eles vinham em forma de animais como o salmão e avisavam as Hokkaidos sobre os acontecimentos do outro mundo, os salmões Hokkaidos sempre retornam para casa quando sua linhagem precisa continuar.

Quando avistadas, a mulher sábia da vila, Ánom, foi até elas.

—Os espíritos me levaram até ela, disseram *“uma hokkaido entre as hokkaidos”*. — Disse Ponni.

—Ouço o som das suas vozes, mas não consigo vê-las, acho que estou doente ou quebrada, preciso de reparos. Comentou NIA.

—Não há cura para o que não é doença. — “Sua cegueira não é física, você só ainda não consegue enxergar além do que foi ensinada para ver”. Reiterou Ánom. Para as Hokkaidos tudo tem vida e se há vida, há espírito, não há como desvincular um do outro. Tudo está *sympoieticamente* emaranhado. Ainda assim a anciã da Vila Hokkaido, ficou pensativa e recolheu-se perto do riacho para refletir sobre o que Ponni ouviu dos espíritos. Ao longe a raposa a observava, se aproximou, colocando o rabo entre as pernas, com os olhos marejados encostou-se nos ombros de Ánom.

Para as Hokkaidos o retorno de um animal das terras fora dos limites da Vila, significava maus presságios (com exceção do salmão).

—Kaori, se encontrou com os ancestrais hoje. — Disse a raposa.

Kaori nasceu na cidade de Osaka, mas nunca soube que era da etnia Hokkaido, antes de entrar na faculdade, sua mãe a chamou e revelou sua ancestralidade para que ela não vivesse uma vida de não pertencimento étnico, mas implorou que a filha não contasse a ninguém suas origens, as pessoas e o governo discriminavam abertamente a etnia. Ela então tornou-se uma "Hokkaido silenciosa", termo que ela usava para se referir a pessoas que como ela não podiam dizer que eram indígenas, quando conhecia alguém sempre se perguntava se essa pessoa também escondia suas etnias. Quando orava aos ancestrais não sabia quais ritos sua etnia fazia, então fechava os olhos e fazia uma breve reverência. Quando entrou na Universidade trabalhou em um *software* que pudesse ser incorporado em um corpo robótico e que pudesse ser não somente compreensivo com as pessoas, utilizando as bases da computação afetiva, mas que também compreendesse a linguagem indígena Hokkaido. A ciberantropologia iniciada por Margaret Mead no século XX, precisava ser continuada em mundo cada vez mais tecnológico, porém, as bolsas de pós-graduação não custeavam poder computacional suficiente para desenvolver uma consciência artificial, mas ainda assim uma inteligência artificial aprenderia os objetivos propostos e dar-lhe consciência era somente questão de tempo. O projeto NIA, foi aprovado em todos os editais submetidos, sem nunca mencionar seu real objetivo que era realizar etnografias in loco, dessa forma ambos, criadora e criatura aprenderiam a linguagem Hokkaido para incorporá-las nas bases de dados das ciências da computação.

Referências

- A. M. Turing. 1950. *Computing Machinery and Intelligence*. *Mind, New Series*, 59(236).
- BAUDRILLARD, Jean. 1991. *Simulacros e Simulação*. Relógio d'Água.
- BENEDICT, Ruth. 2013. *Padrões de cultura*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- DELEUZE, Gilles. 2011. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 1. São Paulo: Ed. 34.
- KOYAMA, Shizuko. 2015. *Ryosai Kenbo: the educational ideal of good wife, wise mother in modern Japan*: Brill.
- MATOS, Olgária Chain Féres. 2004. Cerimônias da destruição. In: *Civilização e barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras.
- RUSSELL, Stuart. 2019. *Human-Compatible Artificial Intelligence*. Penguin Random House.
- TAKENO, Junichi. 2013. *Creation of a Conscious Robot: Mirror Image Cognition and Self-Awareness*.
- WIENER, Norbert. 1968. *Cibernética e Sociedade*. O uso humano de seres humanos. Editora Cultrix. São Paulo.